

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasília Class.: 930

Data: 14/03/85 Pg.: _____

NAÇÕES INDÍGENAS

Enquanto as chamadas nações civilizadas se reúnem em Brasília para a posse de Tancredo, as nossas nações indígenas estão em pé de guerra para em possar o nome de sua predileção na Funai. De um lado, Juruna comanda os Xavante exigindo que Gerson da Silva Alves seja escolhido. Do outro, antropólogos e indigenistas que acreditam que Gerson representa o continuísmo no órgão e que Juruna, mais que preocupado com o futuro dos índios, quer, com sua indicação, manter seus privilégios.

Xavante ameaça Tancredo e exige Gerson na Funai

Mais de 250 índios Xavante se reuniram ontem pela manhã na Fundação Nacional do Índio para formular seu apoio à indicação do deputado Mário Juruna (PDT-RJ) em favor do atual superintendente do órgão, Gerson da Silva Alves, para suceder ao presidente Nelson Marabuto.

Convictos de que Gerson da Silva Alves é a melhor alternativa para o órgão tutelar, os Xavante (tribo a que pertence Juruna) garantem que estão falando em nome dos quase 220 mil índios existentes no país. O encontro de ontem teve como principal tema discutir uma fórmula de fazer chegar ao presidente eleito, Tancredo Neves, um documento de apoio irretido ao nome de Gerson da Silva Alves.

O cacique da Aldeia Nossa Senhora Auxiliadora, Reserva Indígena de São Marcos, Cipriano Tserenho'u Xavante — porta-voz do grupo — deixou claro que no caso de Tancredo Neves rejeitar a indicação deles "vai sair muito fogo".

"Isto significa — explicou ele — que a gente vai invadir mais vezes a Funai. O índio vai tirar e jogar fora quem ele colocar em lugar de "seu" Gerson."

A explicação, na verdade, é uma advertência ao novo governo que se instalará a partir de amanhã. Os Xavante, por diversas vezes, já promoveram a invasão ao órgão tutor na busca do atendimento de suas reivindicações. Em 83, na administração do coronel Paulo Moreira Leal, o mesmo grupo tribal in-

vadiu o órgão tutor expulsando de lá todos os coronéis, numa verdadeiro movimento de desmilitarização sumária da Funai.

"Para evitar isso, nós pedimos que ele respeite o que queremos", apela Cipriano Tserenho'u.

Para os Xavante, Gerson da Silva Alves, embora seja contador de profissão, é um homem de "muito boa vontade, que já trabalha na Funai há muito tempo e que por várias vezes foi delegado em Cuiabá".

"Os índios mais velhos — diz Cipriano — já conhecem como ele trabalha. Ele não grita com os índios. Nós já estamos acostumados com seu Gerson que conhece bem a nossa situação. De nada adianta escolher uma pessoa que não conhece nada ou seja novata."

Firmes em sua posição de apoiar a indicação do cacique-deputado, os Xavante disseram ainda que não interessa quem não concordar com eles e isso também não é motivo de preocupação para o grupo.

A posição dos Xavante é endossada pelo cacique Antônio Mariano Guajajara — grupo tribal do Maranhão — que se diz cansado e desconfiado com todos os presidentes que a Funai já teve. "Até agora, a Funai só teve homem desonesto. Não acredito nestes homens que não conhecem o índio, que não sofrem com ele lá na aldeia", reclama Antônio Guajajara. Dessa forma, ele deposita confiança em Gerson da Silva Alves, como homem que "se prometer, acredito que ele vai cumprir."

O tumultuado processo sucessório da Fundação Nacional do Índio se arrasta há vários meses. Já em novembro do ano passado, o atual presidente do órgão, Nelson Marabuto, deixava transpirar o seu desejo de se manter no cargo no próximo governo. Ao mesmo tempo, o seu superintendente Gerson da Silva Alves — hoje candidato do deputado Mário Juruna (PDT-RJ) — se articulava com o mesmo propósito.

A par desta disputa interna, que se travava de forma velada, os indigenistas e antropólogos da Funai afirmavam que a permanência tanto de Nelson Marabuto, quanto a ascensão de Gerson Alves representariam o continuísmo e a manutenção de uma política indigenista paternalista e ultrapassada. Assim, no início do ano, após a vitória de Tancredo Neves, no Colégio Eleitoral, os indigenistas lançaram alguns nomes que poderiam vir a ocupar a presidência.

Dentre os nomes apontados, destacaram-se o do antropólogo e atual diretor do Museu do Índio, Carlos Moreira Neto, seguido do pró-reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, Alvaro Reinaldo de Souza. Os indigenistas e antropólogos não esqueceram também de falar no nome do ex-superintendente da Funai, na administração do engenheiro Adhemar Ribeiro, Pedro Paulo

Fatorelli, que sempre foi lembrado em épocas de crise.

No entendimento dos técnicos, a sobrevivência da Funai, na Nova República, depende muito de um homem com livre trânsito político e com força perante o governo que se instala a partir de amanhã. Estes predicados são indispensáveis, uma vez que o órgão, ao longo do governo Figueiredo não passou de um palco de atritos entre tutor e tutelados. Prova disso foi a mudança por seis vezes, de seus dirigentes, que sucumbiram diante do surgimento das crises. A continuar pessoas que participaram destes conflitos internos, na sua direção, o órgão estaria predestinado a continuar também sendo alvo de novos atritos, emperrando o processo político e social de desenvolvimento dos grupos indígenas brasileiros.

A mesma lucidez que pautou a postura dos antropólogos e indigenistas, entretanto, estava longe de atingir ao deputado Mário Juruna (PDT-RJ), que levantou a sua voz em defesa do atual superintendente Gerson da Silva Alves. Logo após o regresso de Tancredo Neves de sua viagem ao exterior, o cacique-deputado, — dizendo-se porta-voz dos índios brasileiros — leva ao presidente eleito o nome de Gerson Alves para suceder Marabuto. A reação dos indigenistas, antropólogos e outras nações indígenas veio de imediato.



Afinal, o que deseja Juruna?

O documento levado ao presidente eleito, rascunhado pelo próprio Gerson Alves, afirmava ser o candidato um indigenista, quando na verdade a sua profissão é de contador. Como predicados que o fazem apto a dirigir a Funai, o documento salientava os seus doze anos da Funai. Além disso, ressaltava o seu temperamento calmo e a sua condição de homem simples.

Diante das reações, Mário Juruna, profundamente aborrecido, deixou no ar um ultimato: "Se o Tancredo nomear outra pessoa, desce os Xavante, os Karajá, os índios do Nordeste, os Gavião do Pará e um outro presidente não fica lá nem dois minutos".

A partir desta ameaça, surge com força o nome do ex-deputado Modesto da Silveira (PMDB-RJ), contra quem todos imaginavam que Juruna nada diria. Puro engano. O deputado-cacique volta a carga com força total, dizendo que não quer que o próximo presidente da Funai seja um político e reafirma a sua defesa pelo nome de Gerson Alves.

Neste confuso processo, onde as notícias têm pernas longas, as demais lideranças do país decidem vir até Brasília para, de perto, acompanhar o seu desenrolar. A atual administração da Funai, sem recursos financeiros, esbarra em outra crise. De onde tirar dinheiro

para alimentar tantos índios? A situação torna-se séria, a ponto de Nelson Marabuto lançar um apelo para que as lideranças retornassem às suas aldeias e esperassem com calma a mudança de governo e a definição do seu sucessor. Parcialmente ele foi atendido.

Neste início de semana, o movimento de índios em Brasília recrudescer. Novamente, a Funai não sabe como fará para hospedar e alimentar os quase 350 índios que chegaram à cidade. A maioria é Xavante e está disposta a apoiar, a qualquer custo, a indicação do seu líder Mário Juruna. O processo sucessório, na verdade, está transformando Brasília num estado confederado, onde os índios estão perdendo o controle de suas vontades graças a manipulação exercida pelo cacique-deputado, que embora defenda princípios de honestidade, não abre mão do emprego de sua mulher, Doralice, que com um salário superior a Cr\$ 1,5 milhão, não precisa se dar ao luxo de comparecer ao trabalho. A defesa ferrosa de Mário Juruna pela nomeação de Gerson da Silva Alves, segundo indigenistas, antropólogos e observadores, antes mesmo de ser uma simpatia gratuita é, acima de tudo, a defesa de interesses pessoais e da possibilidade do cacique vir, indiretamente, a dirigir o órgão tutelar, como sempre quis. (Cláudio R. Silva)